

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: Extrativismo 142

Data: 31/03/93

Pg.: 9

Seringueiros ocupam hoje estradas do Acre

RIO BRANCO — O principal instrumento de luta utilizado pelo ecologista Chico Mendes para impedir a derrubada da floresta amazônica, o *empate* (ocupação pacífica), vai ser a arma adotada hoje por seringueiros brasileiros e bolivianos no entroncamento das rodovias BR-317 e BR-364, no Acre, no ato que chamam de protesto "contra a fome e a devastação das matas".

Os seringueiros querem a reativação da comercialização nacional da borracha natural, cuja paralisação impede que ganhem dinheiro para o sustento de suas famílias e acaba levando muitos a abater madeiras-de-lei como alternativa para conseguir recursos. O Conselho Nacional dos Seringueiros divulgou manifesto assinado por mais de 100 organizações brasileiros, alertando que a interrupção da comercialização da borracha natural é o caminho mais curto para o fim da floresta amazônica.

O Brasil produz anualmente 30 mil toneladas de borracha, sendo que 65% são extraídos dos seringais de cultivos e 35% dos seringais nativos da Amazônia. Para o Conselho, o potencial de produção poderia atingir, nos próximos cinco anos, cerca de 300 mil toneladas. "Os desdobramentos desta crise serão determinantes para o futuro da Amazônia e seus habitantes", assinala o manifesto dos seringueiros. O custo de produção dos seringais de cultivo está em

torno de US\$ 2 por quilo de borracha, e o dos nativos cerca de US\$ 2,5 dólares o quilo. Na tabela do Ibama, o quilo da borracha está fixado em 70 centavos de dólar, o que desestimula a produção. Além disso, os seringueiros lembram que a borracha oriunda do sudoeste asiático, cotada a US\$ 1,80 no Porto de Santos, é fortemente subsidiada. O governo não destinou aos seringais nativos créditos ou incentivos e a situação dos seringueiros se tornou dramática, conforme denuncia o conselho. A produção de borracha na maioria das localidades da Amazônia é a única fonte de renda.

Indústria — A legislação que dispõe sobre as regulamentações e garantia de crédito, preço e mercado para a produção nacional de borracha não está sendo respeitada, nem mesmo uma portaria do Ibama do ano passado, que estabelecia o contingenciamento de 36% do mercado. Os dados do conselho do CNS revelam que a indústria nacional consome anualmente cerca de 130 mil toneladas de borracha e a indústria de pneus consome 65%.

Os seringueiros criticam a redução das alíquotas de importação e o congelamento do preço da produção nacional. Segundo eles, a Associação das Indústrias Pneumáticas defende a liberação total da importação de borracha, sem nenhuma política de proteção à borracha nativa brasileira.